

## UM VESTIDO PARA HABITAR A QUEBRA

Dias, Anirã Marina de Aguiar Casali; Doutorando; Universidade Federal de Juiz de Fora,  
aniram.marina@estudante.ufjf.br

### RESUMO

A pesquisa foi desenvolvida através da formulação da disciplina de Moda e Representações Expandidas no Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora, e tem como objetivo apresentar iniciativas do campo da moda que subvertem a lógica dos regimes de visibilidade, operando processos de singularização e transformação social. Compreendendo que a moda tem um papel fundamental na produção de discursos, na disseminação de valores sociais e na manutenção das relações de poder, nos interessam procedimentos que embaralham signos e reinventam papéis sociais para sujeitos dissidentes.

Em seu texto *Na Quebra. Juntas* (2021), a autora Jota Mombaça conta sobre um encontro no qual foi confrontada com a seguinte frase: “é preciso ter um sentido muito forte de si mesma para simplesmente sair dessa maneira no mundo, não é?”. Diante desse pretendido elogio, ela afirma que, pelo contrário, é preciso ter um sentido muito quebrado de si para sair de casa com um vestido de florzinhas vermelhas estampadas. Em poucas palavras, ela é capaz de ilustrar como a simples operação vestimentar pode ser entendida como um ato de subversão e de recusa das normas estabelecidas socialmente para aquela corpa negra, gorda e travesti. Sua breve narrativa também nos ajuda a refletir sobre como muitas vezes o estilo é entendido como expressão de um sujeito estável e fixo, mas esse gesto de produção de si escapa da lógica do consumo que gere o universo da moda, para o qual os estilos são entendidos “como variáveis que emolduram modos de existência e constituem “mínimos eus”, definidos por mercadorias, produtos e serviços” (MESQUITA, 2008, p. 82). É preciso entender que, se o sistema de moda opera através da oferta de modos de vida, estimulando o consumidor a construir um senso de si conciso e coerente, esse saldão não é acessível a todos, e para determinados corpos a moda opera como um imperativo de impossibilidade. Essa corpa localizada na quebra não se afirma através de um modelo fixo e estável, mas coloca-se em trânsito através de uma experimentação de si.

A narrativa de Mombaça funciona como disparadora de uma investigação que busca captar no campo da moda práticas se fundam no território da impossibilidade, para as quais a potência poética das roupas reside na expansão da capacidade dessas sujeitas de agir no mundo, criando novas formas de representação, fabulação e

pertencimento no tecido social. Assim, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, analisando exemplos concretos por meio de estudos de caso como os trabalhos da designer Vicenta Perrota, do Projeto Transmoras e das produções visuais da multiartista Ode. Deste modo, busca-se demonstrar que tais produções articulam, cada uma a seu modo, práticas de moda que se aproximam da arte, que, como sugere Preciosa, “[...] está declaradamente em busca de inventar mundos possíveis, dar visibilidade ao invisível, desmascarar nosso olhar tão acostumado, rendido às uniformidades” (PRECIOSA, 2005, p. 42). São movimentos arriscados desempenhados por sujeitos que não buscam oferecer novos modelos, mas teimam em bagunçá-los, buscando arranjos transitórios e extrapolando a lógica do consumo.

O estudo sobre o vestir como produção de si através da ruptura e desestabilização dos regimes de visibilidade tornou possível agregar à disciplina de Moda e Representações Expandidas as narrativas de sujeitos historicamente marginalizados e invisibilizados, para os quais a moda se apresenta como ferramenta de resistência e criatividade.

**Palavras-chave:** Sujeitos; singularização; moda alternativa.

